

EXPEDIÇÃO ELZA LIMA: imagens e lendas de um real construído

Marisa Mokarzel

Há mais de 25 anos Elza Lima¹ percorre os rios da Amazônia e sai em pequenas expedições fotografando paisagens, pessoas, o ambiente que se apresenta – um ambiente em mutação. Transforma em imagem o que vê, sem compromisso com o real; são imagens construídas a partir da realidade, elaboradas por um olhar que inventa. Sua fotografia “fabrica o mundo, ela o faz acontecer”. Para André Rouillé “a fotografia cria o real!”, assertiva que desestabiliza modelos definidores do ato fotográfico como ato que documenta a realidade. Trata-se de procedimento que o autor denomina antirrepresentativo, uma vez que “tenta não sacrificar as imagens em função dos referentes, e de reconhecer a capacidade das fotografias de inventar mundos”.² A Amazônia criada por Elza Lima, em parte, vem-se constituindo com uma “rota d’água”³ pela qual navega.

As viagens realizadas são muitas vezes fruto de projetos, de bolsas de pesquisa com que é contemplada. Em 1996 viajou pelo rio Trombetas com a finalidade de fotografar os quilombolas. Três anos depois, ao receber a bolsa Vitae de Artes/Fotografia partiu em expedição rumo ao rio Cuminá, tendo como objetivo refazer, 100 anos depois, a viagem daquela que foi a primeira mulher a fotografar a Amazônia: Otille Coudreau. Elza Lima é formada em história, mas desde a década de 1980 optou pela fotografia. O apego aos documentos não existe, a fidelidade dos fatos não é algo que a preocupe, mas é perceptível sua atração por narrativas, seu fascínio pelas histórias contadas, inventadas ou reais. Em muitos de seus trabalhos também se nota a recorrência de figuras femininas fortes e determinadas. Daí seu interesse pelos relatos sobre as viagens empreendidas por Otille Coudreau.

Em 2003, Elza Lima é contemplada com uma bolsa de pesquisa do Instituto de Artes do Pará (IAP), para realizar o projeto Viagem às amazonas, cuja proposta é viajar pelo rio Nhamundá, por onde teria passado Francisco Orellana que dali teria avistado as amazonas. A intenção era fotografar as mulheres que ali habitam e exercem, na luta cotidiana, a função de arrimo de família. Como o projeto era amplo, desdobra-o e, em 2010, elabora O Lago da Lua ou Yaci Uaruá – as amazonas do rio mar; pela segunda vez recebe o Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia e parte em um barco, iniciando a viagem por Santarém.

Nessa segunda parte do projeto, ao retornar à região das amazonas, mergulha novamente na força do mito, nas narrativas advindas das habitantes do Nhamundá, mas dessa vez uma surpresa: depara-se com paisagem muito diferente da que costumava encontrar em suas viagens: em vez dos rios abundantes, defronta-se com a seca. Formara-se no lugar do rio um agreste de fendas no qual se presenciava a

aspereza do solo pedregoso, desprovido de vegetação. As mulheres guerreiras limpavam os cinturões para entrar em nova guerra. O inimigo era desconhecido nessas terras até então sempre molhadas por rios e chuvas. Estavam prestes a perder o El Dorado.

As lendárias riquezas foram vetadas às novas amazonas. Gregas ou amazônicas? De onde vieram as primeiras mulheres guerreiras, que com seus cavalos e flechas enfrentaram nativos e estrangeiros? Ao retroceder no tempo, pode-se deparar com o escrivão espanhol Frey Gaspar de Carvajal, que, em 1542, relatou a viagem empreendida sob o comando de Francisco de Orellana, desbravador que veio para as terras do norte com intuito de comandar a busca de riquezas não encontradas. Daí o mirabolante relato para justificar a frustrada missão e convencer o rei de Espanha de que os investimentos valeram à pena. A partir desse episódio duas culturas distintas passam a compartilhar a mesma história, que adquire inúmeras variantes.

Junio de Souza Brandão, pesquisador da mitologia grega, revela que as amazonas teriam nascido na Trácia, e a autoridade que lhe é atribuída talvez esteja representada pelo cinturão de Hipólita, a rainha das Amazonas. De acordo com Brandão, o cinturão, que fica “atado em torno dos rins, por ocasião do nascimento, religa o *um* ao *todo*, ao mesmo tempo que liga o indivíduo”.⁴ Sua simbologia é ambivalente e resume-se a dois verbos, ligar e religar. Traduz a força e o poder de seu portador. Elza Lima, em seus projetos, utiliza como referência as amazonas originárias da Grécia, mas se detém na narrativa do desbravador que no século 16 aportou no Nhamundá. Vale-se da hipotética pergunta: “se Orellana descobrisse nos dias de hoje o rio mar que tipo de amazonas ele encontraria?”.⁵ À fotógrafa o que interessa é o entrecruzar de ficção e realidade, é o cotidiano que



Elza Lima, *Perfil da mulher e do pássaro em paisagem amazônica*, foto da série O Lago da Lua ou Yaci Uaruá, 2010

perpassa essas novas guerreiras que, sozinhas, sustentam a família, seguem as trilhas das águas.

A intenção é materializar o sonho não do El Dorado, mas da expedição fotográfica permeada pelo real e ficcional. As imagens são conseguidas por trancelim proveniente de narrativas orais e escritas que se transformam em nova narrativa, construída, dessa vez, com fotografias resultantes de precisa e sensível percepção de quem conhece a Amazônia, seus mitos e suas duras verdades. Ao se definir como fotógrafa que sonha e ao afirmar “quero apreender a Amazônia não como história, mas como invenção”, Elza Lima nos coloca diante de imagens inventadas, do sonho que se tece com os fios entrelaçados entre as amazonas quinhentistas e as do século 21.

A série de imagens das novas amazonas pode revelar um ser feminino que se conjuga à natureza

e deixa o corpo submergir na água, para que o perfil da mulher se afine ao do pássaro e cada plano contenha a estética representativa do possível voo, anunciado na paisagem. Da mesma série, a imagem da mulher cavalcando se sobrepõe não à água, mas à terra áspera, coberta de fendas, por onde um dia passou o rio. Guerreiras e integradas à cena amazônica, partem, chegam com os movimentos do úmido corpo exposto ao vento. Segundo Rouillé,⁶

A imagem fotográfica não é um corte nem uma captura nem o registro direto, automático e analógico de um real preexistente. Ao contrário, ela é a produção de um novo real (fotográfico), no decorrer de um processo conjunto de registro e de transformação, de alguma coisa do real dado; mas de modo algum assimilável ao real.

O novo real fotográfico, trazido por Elza Lima, registra o cotidiano das amazonas transformado por seu modo de ver e sentir a realidade. Mais do que reproduzir, a fotógrafa produziu, criou imagens. Do preexistente constituiu seu universo imagético. No navegar constante foi tramando caminhos que tiveram as guerreiras como protagonistas. Assim, fechou-se o ciclo das amazonas, ao completar 10 anos. O fechamento ocorreu com o projeto *À deriva*, com o qual recebeu a bolsa de pesquisa concedida pelo IAP, em 2013. O término das etapas foi aparentemente sombrio uma vez que a figura humana se ausentou, e as protagonistas surgiram nos vestígios deixados na terra e nos rios. Devido à ação do fogo e à água que se foi, o craquelê ficou exposto sem poder ser restaurado.

Navegante dos grandes rios, íntima da paisagem de uma região em que o verde predomina e abundantes águas fluem, como a fotógrafa pôde conviver com a ausência de vida que transformou

o cenário amazônico em árida terra, distante das cenas descritas pelos viajantes, por aquele que habita o lugar e, nele, dele sobrevive? Elza Lima expressa o que os olhos veem, mas no que costumam acreditar. Contadora e ouvinte de histórias que se tecem no convívio ribeirinho, no registro imagético, sempre em construção, Lima passa a não ouvir o canto dos pássaros e começa a escutar o silêncio da água parada, o ruído da queimada a estalar no solo, no contato da casca da árvore que se transforma em carvão.

Testemunhar o desequilíbrio ambiental afetou radicalmente a percepção de quem estava habituada a percorrer os rios. A fotografia que passa a ser expressa ganha caráter denunciatório sem esquecer os elementos constitutivos da linguagem fotográfica. Tecida com a água e o fogo, a imagem atravessa os elementos que compõem a natureza e devolve-nos a escolha de construir ou destruir o que agora se apresenta. No lugar do perfil da mulher e do pássaro, afinados com a paisagem, surgem as cabeças de javali carbonizadas, expostas como máscaras de uma vida que finda.

Elza Lima, *Cabeças de javali*, foto da série *À Deriva*, 2013





Elza Lima, *A amazona do século 21, cavalgando sobre o rio que secou*, foto da série *O Lago da Lua ou Yaci Uaruá*, 2010

A materialidade do universo está diante dos olhos ao alcance das mãos. “Imagens são mediações entre o homem e o mundo.”⁷

Elza Lima é aquela que absorve a região amazônica, assim como poderia absorver outra região, outro continente; o importante é que interpreta o mundo e vai além do simples registro, não se restringindo a uma região geográfica. São viagens e mais viagens, quilômetros de andanças, trilhas de terras férteis, de terras secas. Tempo e espaço navegados, na obsessão de reter e transformar o que vê. Fotógrafa, historiadora, cidadã do mundo, exerce múltiplos papéis, percebe o outro em sua diversidade identitária. Com a máquina em punho Lima conjuga e alia-se a diferentes paisagens, retira da ação repentina e aparentemente impensada as imagens autorais. Captações infindáveis que atravessam o olho intermediado pela lente, pelo enquadramento e pela luz, na tradução de uma estética pessoal, proveniente da ponte construída entre imaginário e realidade.

NOTAS

1 Fotógrafa paraense, bolsista residente do Kunstmuseum des Kantons Thurgau, Suíça (1995), contemplada com o Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia (1996 e 2010); a bolsa Vitae de Artes/Fotografia (1999); a bolsa pesquisa Criação e Experimentação Artística do Instituto de Artes do Pará – IAP (2003 e 2013).

2 As citações desse parágrafo são de Rouillé, André. *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009: 72.

3 Nome atribuído por Elza Lima ao projeto sobre os quilombolas que ganhou o Prêmio Funarte Marc Ferrez em 1996.

4 Brandão, Junito de Souza. *Mitologia grega*, v. III. Petrópolis: Vozes, 1987: 107.

5 Essa pergunta é de Elza Lima e consta do projeto com o qual foi contemplada com o XI Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia, em 2010.

6 Rouillé, op.cit.: 77. Para formular seu pensamento, o autor recorreu a Bruno Latour, *La clef de Berlim et autres leçons d’un amateur de sciences*. Paris: La Découverte, 1993.

7 Flusser, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relevo Dumará, 2002: 9.

Marisa Mokarzel é doutora em sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFC; mestre em história da arte pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFRJ, professora do mestrado em comunicação, linguagens e cultura e dos cursos de artes visuais e moda da Universidade da Amazônia – Unama.